



PROFISSIONAL DE HISTÓRIA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Ricardo de Aguiar Pacheco*

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

ricardo.pacheco@ufrpe.br

Herika Paes Rodrigues Viana**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

herikapaes@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda a identidade profissional do professor de história. Nosso objeto de estudo é pensado para o exercício profissional de um futuro corpo docente. A partir da revisão teórica de autores renomados na área e de pesquisas acerca da formação docente encontramos um espaço pertinente para esclarecermos como a identidade profissional é constituída de um campo maior que os espaços físicos da Universidade. Vemos uma relação profunda entre a formação do sujeito enquanto pessoa que sente, que pensa, que tem sentimentos e a formação do sujeito profissional que atenderá outros tantos sujeitos no exercício de sua futura profissão.

PALAVRAS CHAVE: identidade – formação docente – sujeito profissional

HISTORY PROFESSIONAL: QUESTION OF IDENTITY

ABSTRACT: This article addresses the professional identity of the history teacher. Our object of study is thought for the professional exercise of a future faculty. From the theoretical review of renowned authors in the field and from research on teacher education, we find a relevant space to clarify how professional identity is made up of a larger field than the physical spaces of the University. We see a deep relation between the formation of the subject as a person who feels, who thinks, who has feelings and the formation of the professional subject who will attend to so many subjects in the exercise of their future profession.

KEYWORDS: identity – teacher training – professional subject

TECENDO LAÇOS – A IDENTIDADE EM QUESTÃO

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, lecionando nos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em História e Mestrado em História – PGH/UFRPE. Pesquisador no Memorial da UFRPE, Coordenador do PGH/UFRPE, Coordenador do Laboratório de Estudos e Intervenções em Patrimônio Cultural e Memória Social. Coordenador dos Projetos: Observatório do Ensino de História em Pernambuco (financiamento CAPES).

** Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – PGH/UFRPE (financiamento CAPES) e Licenciada em História pela Universidade de Pernambuco.

O historiador não precisa escrever sobre tudo em cada texto, nem é compulsório que recorra, explicitamente, às correlações entre todas as instâncias do real em cada texto ou pesquisa feita. Ele deve, isso sim, ter sua bagagem de conhecimentos e leituras que lhe permitam recorrer sempre que se fizer necessário, e estabelecer a sua grade de correspondências.
Sandra Jatahy Pesavento¹

A este artigo tratamos o debate pouco discutido entre nossos pares, do que hoje compreendemos como identidade profissional da formação docente em particular do professor e pesquisador de História. Para isso tomamos como referências trabalhos publicados na base indexadora Scielo, como também obras de pesquisadores renomados cujo autores discutissem essa temática.

Parece oportuno nos dias atuais, em que as relações humanas estão cada vez mais efêmeras, levantar questionamentos como quem somos enquanto docentes e o que temos feito de fato para que os discentes compreendam a importância de construção de laços sólidos. Nesse entendimento queremos que nossos pares percebam que é a partir dessa prática e dentro do e de um conjunto que fazemos diferença por uma sociedade mais justa e mais democrática.

Escrever a sequência de uma história é uma tarefa que exige dedicação e esforço na escolha da documentação e no diálogo de intelectuais e pesquisadores para embasarem a pesquisa. É em autores consagrados que encontramos suporte para seguir adiante. É com eles que a produção se legitima. Como sustenta Chartier:

A operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades e que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes).²

Nossa prática da escrita é conduzida por nossas condições de produção já que os diálogos entre os autores e textos determinam o que se destaca no desenvolvimento

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.118.

² CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo. 1991. v. 11, n. 5. p. 173-191, p. 178.

do trabalho. Repensar o “novo perfil do professor” na pós-modernidade é tarefa desafiadora.

Eis mais um desafio, o de entender como essa História tem sido “ensinada”, como os professores e alunos tem se apropriado das ferramentas teóricas para estabelecer a relação da história e suas fontes históricas que auxiliam nesse processo.

A discussão sobre como se processa no espaço acadêmico a formação do professor de história pode fazer parte das pesquisas histórica. Ao nos propormos a escrever o trajeto da formação do professor de história nos deparamos com a responsabilidade de esclarecer quais autores estamos utilizando para dialogar com a chamada identidade(s).

É evidente que com a globalização essa identidade também teve seu impacto modificando a forma de enxergar o indivíduo enquanto sujeito de uma sociedade. Como afirmar Stuart Hall:

[...] quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação - deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal “começo-meio-fim”; os sistemas visuais de visões tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais tem diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo.³

Enquanto sujeito pesquisador fruto de nosso tempo reconhecemos as mudanças da identidade cultural na pós-modernidade. Aqui é compreendido que essa reflexão faz parte do lugar social da formação do professor como um todo, e em particular do professor de história nosso lugar de origem.

Para Stuart Hall um dos conceitos que podem ser atribuídos a identidade é:

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim o efeito de contestar e deslocar as identidades “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito plularizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto seu efeito geral permanece contraditório.⁴

³ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p.70.

⁴ Ibid.,p.87.

De certo a identidade do sujeito não é fixa. Podemos afirmar que ela é plural, já que em cada espaço o sujeito atua de uma determinada forma. Ela é construída socialmente e modificada pelas relações individual e coletiva ao longo de sua vida.

Assim, também ocorre com a carreira profissional do docente de história. Ele não é o mesmo sujeito da época da graduação. Sua carreira foi construída a partir da sua visão de mundo, de sua integração com as articulações teóricas discutidas na academia, de sua relação com o exercício do trabalho docente e sua maneira de transformar, da forma mais adequada possível, os saberes necessários em seu cotidiano da sala de aula.

Conforme afirma Selva Fonseca:

O professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma esse conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente.⁵

O processo da historiografia da História penetra no âmbito da formação docente do professor de história, no sentido de que as mudanças paradigmáticas se entrelaçam com discursos e práticas pedagógicas vivenciadas em espaços acadêmicos e fora dele.

A relação elegida junto aos outros campos do saber como o da Educação, o da Sociologia, o da Filosofia demarcam a pluralidade em que nosso objeto de estudo se envolve e, também, como o diálogo entre essas áreas enriquecem a tentativa de compreender ou ampliar a compreensão acerca da formação do professor e profissional de história na contemporaneidade.

Podemos destacar que a história cultural dá suporte a essa nova forma de conceber estudos e interpretação sobre o mesmo objeto. De acordo com o historiador Chartier:

[...] os traços próprios à história cultural assim definida, que articula a constituição de novas áreas de pesquisa com a fidelidade aos postulados da história social, são a tradução da estratégia da disciplina que se outorgava uma legitimidade científica renovada.⁶

⁵ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. 5. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p.71. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

⁶ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo. 1991. v. 11, n. 5. p 173-191, p.175.

Para Chartier a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Assim, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura.

Articulando essa compreensão com a área da educação o pesquisador Antônio Joaquim Severino aborda a educação como prática institucionalizada, isto é, como educação escolar. Assim devem-se preparar os indivíduos para os domínios necessários ao tríplice universo que rege sua existência concreta. Nas palavras do autor:

Numa sociedade organizada, espera-se que a educação, como prática institucionalizada, contribua para a integração dos homens no tríplice universo das práticas que tecem sua existência histórica concreta: no universo do trabalho, âmbito da produção material e das relações econômicas; no universo da sociabilidade, âmbito das relações políticas; e no universo da cultura simbólica, âmbito da consciência pessoal, da subjetividade e das relações intencionais.⁷

A diferença em relação ao modo de compreender o que é a identidade é que, na pedagogia se constrói a identidade e, na história a identidade se constrói historicamente. É a partir do conjunto de fatores coletivos e individuais, das condições a que o indivíduo enquanto sujeito em formação contínua está cada dia a “construir” sua identidade.

Essa formação é cíclica. O que somos hoje, teremos a certeza que já não seremos os mesmos de amanhã. Acompanhamos o processo de uma contemporaneidade onde a fluidez das relações são perceptíveis ou mesmo visíveis.

O pesquisador Carlos Barcellar faz uma reflexão sobre os caminhos da pesquisa histórica no Brasil, apontando os documentos mais frequentes, atentando para sua potencialidade na prática historiográfica. Entre os documentos que ele cita estão os provenientes da administração pública, arquivos do poder legislativo, do judiciário, entre outros. Para o mesmo autor:

O historiador não pode se submeter à sua fonte, julgar que o documento é a verdade, assim como que o jovem candidato a recruta saiu de casa; antes de tudo, ser historiador exige que se desconfie das fontes, das intenções de quem a produziu, somente entendidas com o olhar crítico e a correta contextualização do documento que se tem em mãos.⁸

⁷ SEVERINO, Antônio José. **Competência técnica e sensibilidade ético-política**: o desafio da formação de professores. Cadernos FEDEP (Fórum Estadual de Defesa da Escola Pública), São Paulo, n.1, p.10-23, fevereiro de 2002, p.11.

⁸ BARCELLAR, Carlos In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**: “Uso e mau uso dos arquivos”. 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008. 23-80 p.p., p.64.

Este artigo faz um esforço em articular as novas formas de ler e compreender documentos e textos a partir da perspectiva da Nova História Cultural e de autores clássicos em outros campos do conhecimento. É preciso compreender a origem do documento e onde ele funciona, por quem e quando foi produzido contextualizando a produção do documento.

Localizar as fontes e com base nos instrumentos de pesquisa aprimorar a técnica de levantamento, acercar-me das condições de trabalho do arquivo escolhido, fazer a seleção e anotação do que é interessante para futura citação observando as normas existentes para transcrições.

É importante compreendermos que a academia é, sobretudo, um espaço onde podemos discutir sobre a formação profissional do docente em história, pois é no e para seu meio que eles são ofertados. Essa identidade está atrelada ao perfil profissional almejado no projeto pedagógico do curso transpassando pelos teóricos discutidos na graduação e pela visão de mundo que se estabelece também durante a formação do discente.

O docente de história, bem como o historiador, tem temas em comum com os profissionais de outras áreas, mas, nesta produção cumprimos nossa função de docente em história, pois nossos questionamentos e posicionamentos partem de uma perspectiva histórica. A produção do conhecimento histórico se relaciona e se estabelece com as possibilidades que o pesquisador projeta sobre ou sob o seu objeto de estudo e a crítica lançada ao objeto.

Afirma Pesavento que:

O narrador-historiador é ainda aquele que se vale de provas – os indícios, cuidadosamente pesquisados, selecionados e dispostos em uma rede de analogias e combinações de modo a revelar significados – que, mais até do que explicar operam como recurso de autoridade a fala do historiador.⁹

É necessário levar em consideração que o texto é escrito para um público. Esse público ouvinte e leitor receberá o texto à sua maneira. Do texto fará sua própria interpretação. E diante do texto poderá ou não se convencer pela argumentação do narrador. Ainda conforme a autora:

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.50.

Esta espécie de bagagem de erudição é particular ao historiador e lhe permite estabelecer uma ampla gama de relações entre os elementos de análise em questão. Se levarmos em conta que essa reserva de conhecimento é iluminada por um universo teórico, por uma também bagagem de conceitos da qual se apropria o historiador, teremos não só definido uma capacidade de formular questões como também as condições para resolvê-las, por meio de métodos específicos, que articulam os dados em grades de correlações, potencializando a interpretação. Esta seria, no caso, a arma do historiador para o diálogo ou a aventura pluri ou transdisciplinar.¹⁰

O exercício da crítica produzida pelo historiador é estabelecido pela erudição que é exercida ao fazer as devidas conexões do seu objeto de estudo com as fontes elegidas nesse processo. Todo texto e documento são frutos de uma relação social. Essa relação enuncia por quem e como ele (o texto) foi produzido.

De acordo com Pesavento:

O que cabe registrar é a presença de um tema/objeto comum partilhado por diferentes discursos e pontos de observação sobre o real, assim como também o lugar específico de onde é lançada a questão ou o problema a resolver. O historiador permanece historiador neste diálogo, pois a História é o lugar de onde se faz a pergunta.¹¹

Essa produção textual faz, assim, uso da opção teórica em relacionar fatos que conectam opções teóricas e metodológicas da História Cultural. Por isso, articularemos diálogos entre os autores sociólogos, historiadores, educadores e outros pesquisadores.

O respeito às diferenças e as necessidades de adequação são priorizados, os diálogos entre sujeitos e as perspectivas são geradoras e formativas, onde os docentes tem que ter a consciência da formação político-pedagógica do aluno, na possibilidade de construir e influenciar uma “sociedade líquida e mais justa” como afirma Bauman.¹²

Segundo Silva e Fonseca:

Nesse sentido, nas concepções críticas, a pesquisa não é apenas um elemento para melhor qualificar a formação e a prática docente, mas uma postura política de produção de saberes, transgressão, emancipação e transformação social. Na sala de aula, seja no espaço

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.109.

¹¹ Ibid. p.109.

¹² BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

acadêmico do curso de licenciatura, seja na educação básica, a pesquisa é estratégica para a formação crítica dos sujeitos.¹³

Essas características também são pautadas pelo contexto social e regional no qual a educação compõe a parcela, uma opinião particular, de grandes possibilidades de mudanças na mentalidade, através da contínua reflexão e prática escolar que os futuros docentes dos cursos de licenciaturas poderão exercer em sua trajetória profissional.

Estamos desta forma dialogando os conceitos que consideramos relevantes na análise e que circulam na antropologia ou na linguística, ora estaremos confluindo das ideias de filósofos, sociólogos e historiadores e, entre outros, para não ‘pecar’ por o lapso de apontar alguma área. Reconhecemos o nosso limite no debate, mas, queremos ousar a narrativa de uma compreensão plural sem sermos extremistas.

PESQUISAS SOBRE A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

No texto que se segue realizamos uma revisão crítica da literatura sobre a formação docente. Nossa opção narrativa visa agregar autores que nos aproximassem dentro da mesma discussão a fim de apresentarmos posições já consolidadas sobre a formação docente como profissão que tem que ser respeitada e valorizada.

A professora em História e doutora em educação Ana Monteiro (UFRJ) tem voltado sua produção a discutir as possibilidades teóricas das categorias de análise “saber docente” e “conhecimento escolar” para a pesquisa das relações dos professores com os saberes que ensinam, e suas competências. Por isso, Monteiro afirma:

Nos últimos anos, no entanto, esforços têm sido realizados por pesquisadores em educação, com o objetivo de refinar o instrumental teórico disponível para realizar investigações que possam dar conta dessas novas questões cuja complexidade desafia os paradigmas vigentes.¹⁴

Essas concepções são complexas e envolvem diversos aspectos relacionados tanto às suas fontes, referências de origem, como àqueles relacionados com a dinâmica

¹³ SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas - SP: Papyrus, 2007, p.37. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

¹⁴ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores**: entre saberes e práticas. Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001, p.122. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a08v2274.pdf>. Acesso em 16/03/16.

sociocultural interna e externa ao meio educacional. Esses saberes que dominam para poder ensinar e aqueles que ensinam, sob uma nova ótica, ou seja, mediadas e criadoras de saberes práticos, que passam a ser considerados fundamentais para a configuração da identidade e competência profissionais, para a autora esses “*saberes e conhecimentos são representações*”.¹⁵

Além disso, Ana Monteiro é referência e tem experiência considerável no campo do currículo. Articula sua produção com autores que fazem parte do embasamento teórico que nos dispomos a escrever como Alice Casimiro Lopes, Antonio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, e assim reforça nosso entendimento teórico com seus escritos.

Em seu artigo discorre sobre o conhecimento escolar e das vertentes “transposição didática”, “currículo real” e o “currículo oculto”, a essência da nova profissionalidade dos professores é o domínio dos saberes que ensinam.¹⁶

Quando tratamos de “discorrer” sobre o entendimento da história da construção desta dissertação, precisamos levar em consideração que os conceitos nem sempre são utilizados em sua forma conforme afirma Kosseleck.¹⁷ Nessa compreensão Monteiro pontua que a construção conceitual implica numa dimensão temporal.

Os conceitos não são a coisa, são expressos por palavras que utilizamos para dizer a coisa, são as suas representações e que, portanto, traduzem significados compartilhados por alguns e, muitas vezes, de forma contraditória numa mesma sociedade. Mas através, deles, podemos vê-la e até pensá-la enquanto realidade.¹⁸

Afirmando que a construção conceitual passa por uma dimensão temporal Kosseleck nos diz que: “As palavras que permaneceram as mesmas não são, por si só,

¹⁵ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores: entre saberes e práticas.** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001, p.134. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a08v2274.pdf>. Acesso em 16/03/16.

¹⁶ Ibid., p.128.

¹⁷ KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹⁸ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **A história ensinada: algumas considerações do saber escolar.** História & Ensino. Londrina/PR v. 9, p. 9-35, out/2003, p.25. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12075/10607>. Acessado em 07/12/15.

um indício suficiente de permanência do mesmo conteúdo ou significado por elas designados”.¹⁹

Para Monteiro esses autores abrem, espaço para nova abordagem com analogias o de “inteligibilidade comparativa” entendendo que em História se refere a um determinado conceito em um contexto específico num determinado tempo. Essa nova abordagem aponta novas realidades criadas ao longo do processo histórico para que possamos reformular o conceito existente.

Alguns autores como Scheibe e Valle, Zenilde Durli e Cristina D’Ávila externam inquietações e anseios comuns em seus artigos que tratam sobre a formação profissional docente. É o sentido político, caracterizando-a como instrumento de luta pela formação e carreira do educador e a outra é o sentido teórico, constituindo-a como princípio orientador dos currículos dos cursos de formação dos educadores em especial a partir da “redemocratização”.

Lemos no artigo de Scheibe e Valle:



A valorização dos professores supõe formação continuada, condições de trabalho dignas e adequadas e um plano de carreira responsável e motivador, dimensões indissociadas do trabalho docente e da profissionalização do professor. Uma avaliação que não se insira nesses eixos ou que desconsidere a realidade concreta na qual se insere o professor e o funcionamento da instituição escolar tende a ser inócua.²⁰

O artigo da autora Zenilde Durli também colabora com esse entendimento num enfoque mais voltado à formação no campo educacional e político de movimentação de classe. Em suas discussões, a pesquisadora refere-se a uma preocupação voltada tanto a profissionalização como de base curricular dos cursos, Durli diz:

A acepção de base comum nacional esteve marcada por dois sentidos complementares: um sentido político, caracterizando-a como instrumento de luta pela formação e carreira do educador e um sentido teórico, constituindo-a como princípio orientador dos currículos dos cursos de formação dos educadores.²¹

¹⁹ KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

²⁰ SCHEIBE, Leda; VALLE, Ribeiro. **A formação dos professores no Brasil e em Santa Catarina: do normalista ao diplomado na educação superior**. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007, p.269. Disponível em <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-16.pdf> Acessado em 07/04/16.

²¹ DURLI, Zenilde. **O movimento nacional pela reformulação dos cursos de formação do educador: embates na construção de um projeto coletivo de formação** In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007,

Aqui temos o embate da luta de classe e percebemos que as transformações social, econômica, política e cultural tem impacto de transformação do cotidiano e que há dificuldades em romper com o processo histórico de desvalorização social dos professores.

No artigo de Cristina D'Ávila ressalta a construção da identidade profissional e a valorização da formação do professor.

Para o que nos toca de perto, a profissionalidade e a profissionalização representam os saberes e o processo pelos quais passam os profissionais no desenvolvimento de uma identidade ao mesmo tempo pessoal e social com a profissão. [...] Portanto as identidades nunca se encontram prontas, estão em constante construção, o que se exprime pelo seu caráter processual e auto reflexivo.²²

Estes saberes se (re)significam no exercício da profissão e assim as transformações ocorridas na vida dos professores é que levam à profissionalização. A profissionalidade de um grupo de trabalhadores diz respeito, portanto, a tais competências: capacidades, racionalização de saberes estruturados e mobilizados no exercício profissional; o seu aperfeiçoamento contínuo constitui o desenvolvimento profissional. O qual o currículo evidencia que há poder envolvido nessas relações entre grupos e em seu interior já que ele também é institucionalizado.

No artigo de Jorge Cunha e Lisliane Cardôzo os autores têm como objetivo investigar a profissão do educador de História, através de sua identidade narrativa. A formação inicial tem um papel central na constituição de posturas teóricas, práticas pedagógicas e na identidade profissional marcadas pela trajetória pessoal e profissional.

[...] é claro nas narrativas o quanto as escolhas pessoais continuam determinando as trajetórias profissionais, mesmo depois de muito tempo. Até o primeiro contato com a escola, ainda como aluno do ensino básico, repercute na ação e identidade docente. A prática desenvolvida em sala de aula é resultante não só dos conhecimentos,

p.206. Disponível em <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-13.pdf>
Acessado em 07/04/16.

²² D'ÁVILA, Cristina Maria. **Universidade e formação de professores: qual o peso da formação inicial sobre a construção da identidade profissional docente?** In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007, p.228. Disponível em <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-14.pdf>
Acessado em 07/04/16.

das teorias adquiridas através do ingresso na licenciatura, mas também da trajetória de vida.²³

A construção da identidade profissional está intimamente ligada com o ambiente, temporal e espacial e ela inicia sua configuração mesmo antes da formação inicial, já na escolha da profissão de educador e em sua história de vida.

Dialogando com a nosso artigo observamos características comuns na preocupação de outros pesquisadores, no que se refere à formação da carreira docente e sua relação com a profissionalização nesse acelerado processo globalizante que vivemos.

Em literatura a nível internacional também encontramos pesquisadores preocupados tanto com a política pública, como com a formação do professor. Um exemplo é autora argentina Mariela Aguirre em um de seus estudos, publicados numa revista brasileira, faz referência há necessidade de reformas políticas na preocupação com a formação docente, a continuidade de formação quando o professor esta exercendo sua profissão e a relação entre teoria e prática.



En este apartado, vinculamos el evidente academicismo y especialización presentes en las universidades argentinas con ciertas “reglas” de profesionalidad impuestas por las políticas ministeriales del ramo. Constituirían un factor explicativo no único pero sí importante de la devaluación de la tarea docente y lo pedagógico en las carreras universitarias. Desde luego no afectan solamente a la historia y responden a estándares internacionales que comenzaron a aplicarse en los años noventa, década de reformas neoliberales en el país y que, una vez superadas las tímidas resistencias iniciales, se han instalado con un éxito notable en las casas de altos estudios.²⁴

Além disso, a autora Aguirre se empenha em demonstrar como os conteúdos ministrados nas universidades não são aplicados no ensino básico, e isso causa entraves aos egressos que ao final entram no meio educacional sem o devido preparo para atuação profissional. O academicismo não segue em atrelamento da teoria e da prática.

²³ CUNHA, Jorge Luiz da; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. **Ensino de História e formação de professores:** narrativas de educadores. Educ. rev. Nº.42 Curitiba. Oct./Dec. 2011, p.08. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000500010. Acessado em 22/03/16.

²⁴ AGUIRRE, Mariela Alejandra Coudannes. **La formación del profesor de historia en la Universidad Argentina. La creciente distancia entre investigación / docencia y teoría / práctica.** Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 975-990, p.978. Disponível em <http://link.periodicos.capes.gov.br/ez19.periodicos.capes.gov.br/>. Acessado em 11/04/16.

También es frecuente escuchar de los formadores que algunos alumnos reúnen condiciones “para ser docentes en la facultad” y otros “para trabajar en la escuela”, ya que se supone que este es un ámbito de menor jerarquía y menor exigencia, en la que se pierde contacto con las últimas novedades historiográficas y se “desperdician” los “inteligentes”. Este es sólo un ejemplo de cómo operan desde temprano los mecanismos de diferenciación que sustentan una concepción elitista de la profesión que reduce a la docencia a una “salida laboral” para un grupo “poco privilegiado en sus dotes intelectuales”, que a la postre resulta ser la mayoría de los que egresan.²⁵

Essas discussões são pertinentes e aplicáveis ao Brasil, pois a reflexão acerca de quem estamos formando ou quem nos tornamos depois de formados influem diretamente na formação do sujeito que nos cercam já que reconhecemos que o meio que vivemos é construção histórica, moldado, forjado e conduzido de certa forma na economia, na política, no social e no meio cultural.

A respeito da formação podemos ler nos escritos do sociólogo português, também doutor em educação, Almerindo Afonso, que trata da perspectiva dos institucionalistas do sistema mundial, no caso de Portugal e da comunidade europeia ocidental na qual procura abordar a redefinição do papel do Estado com as políticas educacionais.

Entretanto, fora das velhas e novas ortodoxias, há também experiências em curso que continuam a dar sentido a lutas sociais e a políticas públicas em torno de projectos emancipatórios. Para que estes se concretizem e se consolidem é preciso não esquecer que a Educação e as políticas educacionais também devem ser pensadas e equacionadas como parte integrante dos processos de *globalização contra-hegemónica*.²⁶

O autor em seu artigo chama a atenção de como as políticas educacionais são diretamente influenciadas pelo papel que o Estado “impõe” sinalizados pelo processo de globalização. Busca para isso, confrontar crítica e profundamente as realidades sociais e educacionais nas suas especificidades.

²⁵ AGUIRRE, Mariela Alejandra Coudannes. La formación del profesor de historia en la Universidad Argentina. La creciente distancia entre investigación / docencia y teoría / práctica. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 975-990, p.980. Disponível em <http://link.periodicos.capes.gov.br/ez19.periodicos.capes.gov.br/>. Acessado em 11/04/16.

²⁶ AFONSO, Almerindo Janela. Estado, globalização e políticas educacionais: elementos para uma agenda de investigação. Revista Brasileira de Educação, Nº 22, Jan/Fev/Mar/Abr 2003, p.45.

Retornando as produções brasileiras, a dissertação de Aryana Lima Costa versa sobre a formação de profissionais de História do campus de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e analisa a mudança de currículo do curso implantada em 2004, no qual se configurou a separação das habilitações Licenciatura e Bacharelado naquela Universidade.

O que chama atenção em sua produção é que a autora escolheu disciplinas base para concretizar suas análises, as ‘disciplinas de específicas’ e não as disciplinas pedagógicas²⁷ como muitos estudos geralmente seguem analisando outros componentes curriculares como a Prática como Componente Curricular (PCC) e as Atividades Acadêmicas Científicas Culturais (AACC).

As questões da regulamentação e do exercício da docência na graduação possibilitou construir um texto com discussão a respeito da relação entre licenciatura e bacharelado, disciplinas do curso e as de educação e a prática docente, como também da construção identitária.

Voltemos nossa atenção para como estamos formando nossos historiadores: o interesse aqui está por meio do ensino superior de História, entender como utilizamos do conhecimento histórico e, através disso, mantemos nossa especificidade e forjamos um perfil – nossa identidade – nos cursos de graduação.²⁸

Desta maneira, Aryana Costa buscou problematizar os objetivos específicos do ensino em história em nível universitário conduzido pela função do conhecimento histórico e como lidamos com ele para fins de formação.

Assim, como outros pesquisadores direcionam que suas pesquisas em busca de compreensão da consolidação de elementos que estão impregnados da (e na) história da formação social nós também buscamos definir elementos que permeiam a formação de uma identidade docente do profissional de história.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

²⁷ A autora denomina disciplinas de conteúdos aquelas que são específicas do Curso de Licenciatura em História e pedagógicas as que fazem parte da formação dos cursos de licenciatura. A autora afirma a importância de integração entre ambas.

²⁸ COSTA, Aryana Lima. **A Formação de profissionais de história: o caso da UFRN (2004-2008)**. 2010. 196p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2010, p.53.

A formação do professor de história da sociedade brasileira nos dias atuais nos permite refletir acerca das relações do processo de formação e prática do profissional professor e da sua relação com a dinâmica social no mais abrangente contexto sócio/histórico no tocante a questões sociais, política, econômica, cultural e as próprias contradições enfrentadas ao longo do processo e da prática pedagógica entre professores e alunos, em nosso país.

O início para a realização profissional é compreender o significado da carreira docente em toda a sua extensão, incluindo, o compromisso que o futuro docente elegeu como “mediador” no processo de aprendizagem dos futuros alunos.

Nesse sentido, compreendemos aqui neste artigo a identidade profissional do professor como o alicerce a base de suas condutas em seu desenvolvimento na prática escolar/universitário no qual o objeto de trabalho são estes alunos e professor e alunos reconhecidos como indivíduos diferentes, singular e social, em mútuo aprendizado.

A identidade profissional se constrói ao longo da carreira e durante essa jornada é formidável desenvolver uma formação em que trabalhar as atitudes seja tão importante quanto o restante dos conteúdos e que isso possa proporcionar a oportunidade para desenvolver uma prática reflexiva competente.

Assim a formação inicial é muito importante para consolidar uma base na compreensão do papel que o professor exercerá em sua trajetória, bem como a continuidade na formação continuada no decorrer de sua prática profissional para que a integração com o aluno seja acompanhada as devidas projeções e adaptadas às mudanças comuns e aceleradas do mundo moderno.

A identidade profissional que aqui afirmamos é repleta de aprendizado, de sua prática diária, na forma do professor criar novos meios de conhecer e de relacionar-se com o conhecimento e com os seus alunos. Além do mais da socialização com os seus pares de novas e possíveis formas de apresentar o caminho do conhecimento, valorizando cada indivíduo e que eles conduzam a formação de uma identidade cidadã ética e harmoniosa, que busque a construção por um mundo com mais igualdade social.

É com a intenção de contribuir com as discussões no campo da formação de professores de História, observando as relações intrínsecas do currículo em história, que este trabalho consiste num exercício de problematização e de suas consequências na formação dos sujeitos que fazem e que ensinam a História. Pois, o exercício da docência

é a própria prática pedagógica, construído e vivido nessa prática, na qual se configura e reconfigura a pluralidade necessária do profissional docente.

Discorrer as discussões acerca da formação de professores de história é uma tarefa árdua. Em geral precisamos compreender esta formação no campo historiográfico da educação e a partir das situações políticas, sociais, econômicas e culturais do país, entender o caminho percorrido na luta pela profissionalização docente no país.

Além do mais reafirmamos a importância da problematização acerca da formação em nossa área, local de fala evidente durante este trabalho por acreditar que a história se faz, se escreve, se legitima entre os pares, mas também se concretiza na formação dos sujeitos que formam e ensinam a História. Desta forma, esperamos ter contribuído com o debate sobre a formação dos professores de História nas discussões acerca do currículo e da prática docente fruto da prática pedagógica exercida na e pela IES.

É na sua formação inicial que o futuro professor constrói sua identidade profissional. A partir do seu próprio fazer na experiências dos formando quando estes tomam a prática existente como referência para sua própria formação. Contudo, sabemos que esta prática está diretamente vinculada à concepção de prática e de estágio que a IES imprime em seus currículos de formação.

É preciso entender a prática profissional como um lugar de formação e de produção de saberes estão de certa forma consolidados nas instituições universitárias de formação e nas escolas da Educação Básica.

Como historiadores reconhecemos que a historiografia de nosso campo precisa problematizar em formato de estudo em nível de Pós-Graduação stricto sensu pesquisas sobre a formação do professor de história a fim de contribuir na formação acadêmica do futuro profissional. Esperamos também ter construído uma base teórica para reflexão acerca da formação do professor de História.

RECEBIDO EM: 16/10/2017

PARECER DADO EM: 28/11/2017